

## **Interseccionalidade e Desigualdades Raciais e de Gênero na Produção de Conhecimento entre as Mulheres Negras**

*Sônia Beatriz dos Santos<sup>1</sup>*

**Resumo:** O artigo examina o conceito de interseccionalidade cunhado por intelectuais afrodescendentes, e seus aportes para a discussão sobre os efeitos das desigualdades raciais e de gênero nas condições e status sociais das mulheres negras no que se refere a produção de conhecimentos. O texto está organizado em três seções. Na primeira discute-se a desvalorização do trabalho intelectual e das contribuições sociais das mulheres negras. Em seguida analisamos o conceito de interseccionalidade e seus usos para o desvelamento de condições desiguais produzidas pela ação simultânea das opressões raciais e de gênero. E por fim, a conclusão.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade; Mulheres negras; Produção de conhecimento; Desigualdade racial; Desigualdade de gênero

**Abstract:** The article examines the concept of intersectionality coined by Afro-descendant intellectuals and their contributions to the discussion of the effects of racial and gender inequalities on the Black women's social conditions and status in relation to knowledge production. The text is organized in three sections. The first one discusses the devaluation of Black women's intellectual work and social contributions. We then analyze the concept of intersectionality and its uses for the unveiling of unequal conditions produced by the simultaneous action of racial and gender oppression. And finally, the conclusion.

**Key words:** Intersectionality; Black women; Knowledge production; Racial inequality; Gender inequality

### **Intersectionality and racial and gender inequalities in the knowledge production between the Black women's**

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Raça, Gênero e Política Pública, pelo Hubert H. Humphrey Institute of Public Affairs, University of Minnesota. É doutora em Antropologia pela University of Texas at Austin, mestre em Sociologia com concentração em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. [soniabsantos@yahoo.com](mailto:soniabsantos@yahoo.com). Professora Adjunta da Faculdade de Educação, Departamento de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/FEBF-UERJ. É Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB-UERJ) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

## I. Introdução

*“A subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras. Por isso e tão difícil as alunas nos citarem (...)” (bell hooks, 1995: p. 467).*

*“Aproveitei essa oportunidade para quebrar o silêncio entre aquelas/es de nós, críticas/os, como somos atualmente chamadas/os, que fomos intimidadas/os ou desvalorizadas/os pelo que defino como a disputa de teorias” (p. Barbara Christian, 2002: p. 85)”.*

Este artigo busca refletir sobre o conceito de interseccionalidade desenvolvido por intelectuais afrodescendentes<sup>2</sup>, bem como suas contribuições para a discussão sobre os efeitos das desigualdades raciais e de gênero nas condições e status sociais das mulheres negras no que se refere a produção de conhecimentos. O texto está dividido em três seções. A primeira problematiza a desvalorização do trabalho intelectual e das contribuições sociais das mulheres negras. Em seguida refletiremos sobre o conceito de interseccionalidade e seus usos para o desvelamento de realidades desiguais produzidas pela ação simultânea das opressões raciais e de gênero. E finalmente, a conclusão.

Profundamente afetadas pelo que WERNECK (2010) denomina de racismo patriarcal, mulheres negras tendem a enfrentar situações de desvantagem em termos educacionais e profissionais, que irão limitar seu acesso a bens e oportunidades sociais, a exemplo de rendimentos salariais e prestígio acadêmico, fatores que têm grande influência sobre seus meios e modos de produção intelectual. Segundo a autora esta realidade evidencia a existência de duas linhas “uma racial que separa rendimentos de negros/as e brancos/as”, e “uma outra que separa mulheres e homens do mesmo grupo racial, estabelecendo desigualdades” (p.6).

A autora enfatiza que o racismo patriarcal “além de inferiorizar a população negra, também estabelece formas diferenciadas de subordinação de acordo com o sexo das pessoas negras, afetando principalmente mulheres dos grupos raciais inferiorizados” (p. 6). Num sentido amplo WERNECK revela, ainda, que “na maioria dos dados, quando organizados segundo a cor e o sexo das pessoas, encontraremos desigualdade racial e pior situação para as mulheres negras” (p. 6). As mulheres afrodescendentes na diáspora têm denunciado estas

---

<sup>2</sup> Os termos negras (os) e afrodescendentes serão utilizados neste artigo como sinônimos para identificar grupos e/ou indivíduos de origem étnico/racial de descendência africana.

condições de desigualdade e exclusão através de sua produção de conhecimentos, tanto nos diversos espaços do movimento social quanto nos acadêmicos. É importante destacar que os movimentos de mulheres negras em suas diversas expressões, em particular aquelas representativas dos grupos LGBTIs<sup>3</sup> tem chamado a atenção para os efeitos da opressão heterossexual<sup>4</sup> e, por conseguinte, da heteronormatividade<sup>5</sup>, e neste sentido introduzindo o termo racismo patriarcal heteronormativo, que incide negativamente tanto sobre a vida de mulheres transgêneros<sup>6</sup> como cisgêneros<sup>7</sup>, evidenciando ainda mais a complexidade destes processos de produção de subalternidades para as mulheres negras.

Deste modo, é fundamental que, possamos por um lado, discutir a desvalorização e invisibilidade da produção intelectual deste grupo, e por outro trazer para o centro das discussões em Ciências Sociais, e Humanas num sentido mais amplo, o potencial que este conjunto de conhecimentos apresenta em termos de material crítico acerca das desigualdades vivenciadas pelos afrodescendentes, e denunciadas em toda a diáspora africana.

Neste sentido, um aspecto fundamental sobre o conhecimento produzido pelas mulheres negras pode ser vislumbrado através da constituição do conceito de interseccionalidade, elaborado por intelectuais afro-americanas num esforço de compreensão e análise das experiências de opressão vivenciadas por este grupo de mulheres nos EUA, que como assinalado por WERNECK (2010),

(...) permite a visibilização das diferenças – desigualdades e privilégios – entre mulheres e no interior da população negra e, desse modo, possibilita que se produzam respostas individualizadas, diretamente ligadas às vivências e necessidades de grupos específicos. O que as torna capazes de confrontar as desigualdades que se estabelecem tanto no plano geral da sociedade quanto intra-grupos, permitindo também maior eficiência e eficácia na execução – e na avaliação – de políticas públicas (p.06).

A utilização do conceito de interseccionalidade nas discussões sobre a necessidade de superação das desigualdades étnico/raciais e de gênero, no acesso a direitos sociais na

---

<sup>3</sup> (LGBTI) Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais.

<sup>4</sup> Heterossexual refere-se a aquele que sente atração pelo gênero oposto.

<sup>5</sup> Heteronormatividade é um termo que “se refere aos ditados sociais que limitam os desejos sexuais, as condutas e as identificações de gênero que são admitidos como normais ou aceitáveis àqueles ajustados ao par binário masculino/fêmea – ora através de manifestações atribuídas à homossexualidade, ora à transgeneridade – é marginalizada/o e perseguida/o como perigosa/o para a ordem social. Ver o texto ‘Homofobia e heterossexismo’ nesta Unidade (p.128)”. (CEPESC; Brasília: SPM, 2009).

<sup>6</sup> Transgênero (pessoa que não se identifica com as características do gênero designado a ela no nascimento).

<sup>7</sup> Cisgênero (pessoa que se identifica com as características do gênero designado a ela no nascimento).

sociedade contemporânea, tanto no interior dos movimentos sociais quanto nos espaços acadêmicos têm sido fundamentais e exige um conjunto de esforços investigativos e ações especialmente destinados a compreender as condições de vida e experiências sociais relacionados aos grupos afetados pela realidade desigual.

Com o propósito de compreender as questões introduzidas nesta reflexão, a discussão apresenta três seções. A primeira problematiza a desvalorização da produção de conhecimento das mulheres negras; a segunda reflete sobre o conceito de interseccionalidade elaborado por mulheres afrodescendentes e sua aplicação no desvelamento de iniquidades sociais que tem suas origens na ação simultânea do racismo e do sexismo. E por fim, a conclusão.

## **II. A Desvalorização do Trabalho Intelectual e das Contribuições Sociais das Mulheres Negras**

As mulheres negras lidam histórica e cotidianamente com uma realidade onde se vêm forçadas a criar estratégias que assegurem a visibilidade e sustentabilidade de seu trabalho intelectual, seja no movimento social, seja na academia, pois são confrontadas com discursos e práticas que as deslegitimam e desautorizam, pondo em dúvida a validade, originalidade e relevância de suas produções. De acordo com estudos sobre relações de gênero e raça, tais circunstâncias peculiares devem-se principalmente aos efeitos do entrecruzamento entre racismo e sexismo que incidem sobre o status social, e o acesso deste grupo a privilégios e oportunidades<sup>8</sup>. Em seu artigo “Intelectuais Negras”, bell hooks (1995) assinala que devemos atentar para “o impacto dos papéis sexuais, do sexismo” e do racismo na valorização da intelectualidade das mulheres negras (p.466).

Intelectuais negras e negros, ainda representam grupos minoritários, entre o corpo docente de universidades públicas e privadas brasileiras e com frequência seus trabalhos não ganham o mesmo destaque entre os principais veículos de circulação do conhecimento acadêmico quando comparadas as (aos) professoras (es) brancas (os). Ressalta-se, além disso, um diferencial em termos de reconhecimento da produção mesmo entre autoras (es) e/ou

---

<sup>8</sup> (ver SMITH, 1983 e 1998; CARNEIRO, 1995; COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, 2000; CRENSHAW, 2002; GOMES, 1995; hooks, 1995; SANT’ANNA, 2000; BRASIL 2003 e 2004; BARR (CAMPBELL), 2003; EVARISTO, 2005; CAVALLEIRO, 2007; JESUS, 2006; SANTOS, 2007, 2009 e 2015; CALDWELL 2010.

docentes negras e negros, sendo conferido a elas tratamento de menor prestígio. Hooks<sup>9</sup> (1995) argumenta que “as intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como ‘suspeita’” (p. 468). Portanto, ainda que devamos considerar que a questão do não reconhecimento institucional possa ser extensivo as mulheres em geral, enunciando um problema da discriminação de gênero, uma questão antiga discutida por muitas intelectuais, como HARAWAY (1995), hooks (1995), e CHRISTIAN (2002) para citar algumas, é importante enfatizar que esta situação se agrava ainda mais no caso das mulheres negras devido ao racismo e sexismo que produzem situações de discriminação e outras vulnerabilidades sociais singulares que impactam diretamente aos grupos negros<sup>10</sup>. BARR (2003) enfatiza que,

O racismo, e mais especificamente o modelo econômico racista, se constrói a partir de uma realidade também econômica milenar, o sexismo, no qual os poderes e os recursos se encontram nas mãos dos homens, sendo as mulheres praticamente propriedade dos homens, assim como as casas, as terras e os cavalos (p.02, tradução minha).

O argumento de Hooks (2015) nos possibilita compreender a peculiaridade do lugar ocupado por estas mulheres no que tange ao processo de produção de desigualdades, pois sublinha que,

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista. Ao mesmo tempo, somos o grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, no sentido de que não nos permitem ter qualquer “outro” não institucionalizado que possamos explorar ou oprimir. (...) As mulheres brancas e os homens negros têm as duas condições. Podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros

---

<sup>9</sup> Em razão de posicionamento político no que se refere a sua identidade e produção de conhecimentos, a autora bell hooks, que é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana, não assina os trabalhos de sua autoria em letras maiúsculas, e por esta razão em respeito a sua decisão, mantemos a identificação da mesma em minúsculas. O nome é grafado em letras minúsculas, porque para a autora o que é mais importante de sua produção é o que chama de “substância” e não quem ela é; segundo a mesma nomes e títulos não possuem valor no mesmo sentido que as ideias o tem.

<sup>10</sup> (ver: GONZALEZ, 1983; CARNEIRO, 1995; GOMES, 1995; HARAWAY, 1995; HOOKS, 1995; REICHMANN, 1995; LEMOS, 1997; HASENBALG, 1999; SANTOS, 1999; MCCLAURIN, 2001; CHRISTIAN, 2002; OLIVEIRA, 2007; HALL, 2003; DAVIS, 2004; HARDING, 2004; SARTI, 2004; HENRIQUES, 2001; MOHANTY, 2003; EVARISTO, 2005; WOLFF, 2005; PERRY, 2006 e 2009; PHILLIPS, 2006; RATTI, 2007; SANTOS, 2007; SIQUEIRA, 2006; CARDOSO, 2008; CURRALERO, 2011; IPEA, 2011; SANTOS, 2012).

podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras. Ambos os grupos têm liderado os movimentos de libertação que favorecem seus interesses e apoiam a contínua opressão de outros grupos. O sexismo masculino negro prejudicou a luta para erradicar o racismo, assim como o racismo feminino branco prejudica a luta feminista. Enquanto definirem a libertação como a obtenção de igualdade social com os homens brancos da classe dominante, esses dois grupos, ou qualquer outro, terão um grande interesse na exploração e opressão continuada de outros (p. 207-208).

Em seu estudo sobre a situação de invisibilidade de escritoras negras na literatura PALMEIRA (2010, p.01) evidencia a existência de uma “negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso exercendo funções de significação e representação” nos cenários literários no Brasil até meados da década de 1970” (PALMEIRA, 2010, p.01 *apud* NAVARRO e SCHMIDT, 2007: n.p.). A autora assinala ainda o fato de que em “produções anteriores ao período demarcado, as produções inspiram-se na inferiorização e dependência imposta às mulheres no contexto social” (p.01). E destaca que, “as produções culturais discursivas retratavam a mulher em uma rede social patriarcal na qual as mesmas eram desprovidas de quaisquer direitos políticos” (p.01). Diante destas circunstâncias, ela destaca a urgência da organização de uma literatura que objetiva reinscrever as imagens e discursos representativos das mulheres negras na literatura. Em conformidade com estas ideias, EVARISTO (2005, p.54) argumenta que,

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de auto-representação.

De acordo com PALMEIRA (2010) a mulher negra tem hegemonicamente sido representada “na literatura brasileira, desde o período colonial até a contemporaneidade, a partir de discursos demarcados negativamente” (p.02). E assinala que,

Quando não invisibilizadas, as mulheres negras, nos textos desses autores, figuram em imagens nas quais são construídas como um corpo-objeto e/ou relacionadas a um passado de escravidão. E se o motivo basilar da exclusão das mulheres brancas de funções e representação significativas no discurso dessas literaturas foi a ideologia patriarcal, a exclusão das mulheres negras

pode ser atribuída a, pelo menos, outra questão além de sua identidade de gênero: a sua identidade étnico-racial (p.02).

Finalmente, as considerações tecidas nesta reflexão nos permitem argumentar sobre a urgência e relevância de uma produção de estudos que busquem investigar como as desigualdades sustentadas pelo racismo patriarcal heteronormativo produzem condições sociais desfavoráveis para as mulheres negras, a exemplo de obstáculos enfrentados no acesso à benefícios e condições de trabalho intelectual justas e equiparadas a seus pares na academia. Intelectuais afrodescendentes têm buscado produzir conhecimento e um conjunto de ferramentas teórico-metodológicas que nos permitem compreender como tais circunstâncias iníquas influenciam suas condições de vida e status, bem como das populações afrodescendentes e sociedades num sentido mais amplo, a exemplo do conceito de interseccionalidade que será discutido segunda parte do texto.

### **III. A Interseccionalidade das Desigualdades Raciais e de Gênero**

A interseccionalidade é definida como o estudo das interconexões entre formas ou sistemas de opressão, dominação ou discriminação. O conceito tem sido amplamente utilizado por um conjunto de feministas, ativistas e acadêmicas negras para argumentar sobre os significados da experiência de ser uma mulher negra, e demonstrar que as condições e status deste grupo não podem ser simplesmente compreendidas em termos do ser negra e do ser mulher, considerados independentemente, mas ao contrário, tal experiência deve ser entendida levando-se em consideração uma relação de interação onde cada opressão – racismo e sexismo - reforçam uma a outra.

Esta é uma teoria sociológica feminista que foi primeiramente desenvolvida por Kimberlé Crenshaw em 1989. Entretanto, é importante atentar para o fato de que as análises (e usos) sobre este conceito podem ser registrados ainda no século XIX, evidenciando, assim, que esta noção foi utilizada anteriormente por mulheres negras ativistas e acadêmicas em seus discursos políticos e estudos para assinalar-se as experiências que este grupo diverso de mulheres em suas sociedades. Podemos indicar como exemplo o do ativismo de Maria W. Stewart (1803-1879) que em 1831 “desafiou as afro-americanas a rejeitarem as imagens negativas atribuídas à figura das mulheres negras, muito disseminadas naquele período, apontando que as opressões de raça, gênero, e classe eram as principais causas da pobreza

entre elas” (COLLINS, 2000, p.01, tradução minha). E ainda, o ativismo de Sojourner Truth (1797-1883) também nos EUA que em 1851 apresentou seu discurso intitulado “Ain’t I a woman?” Não sou eu uma mulher?) na Convenção de Mulheres em Akron, Ohio trazendo uma reflexão sobre as dificuldades e invisibilidades de ser uma mulher negra. Certamente, há outros exemplos pela Diáspora negra sobre mulheres como estas duas proeminentes ativistas que buscavam através de seus discursos e práticas evidenciar situações de intersecção entre formas de opressão que incidiam sobre suas condições de vida e status; no entanto, a escassa documentação deste tipo de histórias sobre as mulheres afrodescendentes têm dificultado a identificação de outras narrativas. Nesta perspectiva, Bell Hooks (1995) destaca que,

Apesar do testemunho histórico de que as negras sempre desempenharam um papel importante como professoras pensadoras críticas e teóricas culturais na vida negra, em particular nas comunidades negras segregadas, muito pouco se escreveu sobre intelectuais negras. Quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes quase sempre invoca imagens masculinas (p. 466-467).

Segundo WERNECK (2010) a compreensão sobre os distintos fatores que influenciam as condições de vida e experiências de “cada mulher negra – as interseccionalidades – ajuda a enxergar melhor sua realidade, o que têm em comum” (p.08). Adicionalmente, a autora argumenta que o conceito permite,

(...) avaliar as diferenças e desigualdades que também existem entre nós. Além de ajudar a visibilizar as potencialidades, as vantagens, as capacidades que cada mulher ou grupo de mulheres negras têm, para podermos criar soluções singulares, individualizadas, para o final das desigualdades, para enfrentar o racismo e para avaliar os resultados do que está sendo feito (p.08).

Assim, uma ampla literatura produzida por intelectuais afrodescendentes tem procurado investigar, documentar, e refletir sobre os efeitos de mecanismos e fenômenos originados a partir da interseccionalidade de raça, gênero (e outros sistemas de opressão). Nesta lógica, COLLINS (2000, p. 18) afirma que:

(...) Rejeitando modelos aditivos de opressão, os estudos sobre raça, classe, e gênero têm progredido consideravelmente desde os anos 80. Durante essa década, as mulheres afro-americanas acadêmicas- ativistas, entre outras, demandavam por uma nova abordagem para a análise das experiências das mulheres negras. Argumentando que tais experiências eram definidas

(moldadas) não apenas pela raça, mas também por sexo, classe social e sexualidade, obras como *Women, Race and Class* de Angela Davis (1981), “A Black Feminist Statement”, elaborado pelo Combahee River Coletivo (1982), e Audre Lorde (1984) com o clássico volume de *Sister Outside* se constituem em trabalhos essenciais que exploraram as interconexões entre os sistemas de opressão. Trabalhos posteriores tiveram como objetivo descrever as diferentes dimensões dessa relação interligada, a exemplo do termo interseccionalidade cunhado por Crenshaw, 1991) (p.18, tradução minha).

A partir do desenvolvimento de uma prática e conceitualização do que definiu como Feminismo Afro-latino-Americano Lélia Gonzalez (1983, 2011) analisou os efeitos do racismo e do sexismo sobre as mulheres negras e indígenas na América Latina. Desenvolvendo inclusive conceitos importantes como a ‘Amefricanidade’ na década de 1980, que buscava refletir uma abordagem descolonizada sobre a atuação política das mulheres afrodescendentes (amefricanas) e indígenas (ameríndias) nas regiões do continente americano.

E em diálogo com intelectuais de outras regiões da diáspora negra discorreu em espaços do movimento social e acadêmicos sobre as peculiaridades do racismo brasileiro, e sobre as formas de resistência desenvolvidas pelos movimentos de mulheres negras, e o movimento negro em geral para o enfrentamento das disparidades socioeconômicas e culturais impostas por este sistema de opressão.

E em consonância com os argumentos de suas companheiras intelectuais, PERRY (2009) classifica a situação das mulheres negras nas nações da América Latina como uma exclusão racial de gênero e de classe. Mesmo sendo importante considerarmos as diferenças em termos de contextos socioeconômicos, culturais, políticos e geográficos podemos estender a reflexão de Perry para as mulheres afrodescendentes em outras regiões da Diáspora Africana e África. Segundo a autora as “mulheres negras no Brasil, Colômbia, Nicarágua, e em outras partes das Américas compartilham experiências de vida similares no que se refere ao racismo, sexismo, classismo, e homofobia – o que propiciou o compartilhamento de interesses políticos entre estes grupos” (p.2).

Em conclusão, podemos observar a partir das análises das autoras apresentadas no texto, como as intelectuais negras na diáspora africana tem produzido a partir de sua própria realidade e dos grupos aos quais pertencem. Corroborando com esta lógica de pensamento, CURRIEL (2006) salienta que o movimento de mulheres negras nasce articulando raça, gênero, classe, e sexualidade enquanto categorias políticas para explicar a realidade das

mulheres negras frente ao racismo, sexismo, classismo, e o heterossexismo (p. 97, tradução minha).

Assim, as mulheres afrodescendentes têm procurado contribuir, seja na reflexão política dentro dos movimento sociais, seja na reflexão de suas produções acadêmicas na condição singular do que MOYA e HAMES-GARCÍA (2000) nomearam como “privilégio epistêmico para referir-se a uma vantagem especial no que diz respeito ao conhecimento adquirido sobre como aspectos fundamentais de nossa sociedade (tais como raça, classe, gênero e sexualidade) operam para manter matrizes de poder (p. 65)” (Ver CALDWELL, 2007). Finalmente, é crucial destacar que as mulheres negras ativistas apontam para a impossibilidade de separar a questão e a análise intelectual do ativismo político.

#### **IV. Conclusão**

Neste artigo pretendeu-se refletir sobre a interseccionalidade enquanto um conceito constituído por intelectuais negras na diáspora africana, e ainda sobre as suas contribuições para a produção de conhecimentos acerca dos efeitos da intersecção das desigualdades raciais e de gênero (ou do racismo e do sexismo) sobre as condições de vida e status das mulheres negras. Como pudemos observar a partir da literatura exposta, distintas narrativas têm sido construídas sobre este grupo de mulheres, e em geral estas produções são atravessadas por um conjunto de representações e discursos marcados por estereótipos e preconceitos perpetuados pelo racismo patriarcal heteronormativo que incidem diretamente sobre seu status e condições de vida, bem como na visão que outros grupos e indivíduos têm sobre elas.

No entanto, ainda que em condições adversas, vimos que intelectuais afrodescendentes têm buscado superar estes desafios, em instituições do movimento social, acadêmicas, dentre outras entidades da sociedade civil. COLLINS (2000) “observa que as mulheres negras que estão fora da academia ‘têm tradicionalmente atuado como intelectuais representando os interesses das mulheres negras enquanto grupos’” (p.18). E nesta mesma perspectiva, CALDWELL (2007) nos lembra que,

Enquanto o ativismo das mulheres negras tem raramente sido objeto da pesquisa acadêmica no Brasil, a praxis intelectual e política das ativistas negras serve como fonte significativa para a compreensão do status das mulheres negras em relação às estruturas sociais mais amplas (p. 65)

Portanto, considerando os argumentos fundamentais deste conjunto de intelectuais negras, cujas análises foram expostas nesta reflexão, é que podemos concluir enfatizando a relevância de se identificar e confrontar as premissas racistas, sexistas e heterossexistas que têm limitado as possibilidades de mulheres negras serem consideradas e respeitadas como 'sujeitas' de direitos que produzem conhecimentos, como grupos de mulheres "representativas de uma vocação intelectual (Hooks, 1995), e que como tal possuem plena competência e potencial para contribuir intelectual, política, e socialmente com a constituição do pensamento social, seja em sua própria sociedade, ou em outras regiões do mundo.

## Referências

### Bibliografia

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei 10.639 de 2003**. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana**. Parecer CNE /CP 3 / 2004, de 10 de março de 2004.

BARR (CAMPBELL), Epsy. El Impacto Económico del Racismo y Sexismo sobre las Mujeres Afrodescendientes de América Latina y El Caribe. Trabalho apresentado no Seminário: **Pobreza y Exclusion de los Pueblos y Mujres Afrodescendientes**, 2003, p. 1-13.

COLLINS, Patricia Hill. "**The Social Construction of Black Feminist Thought (p. 183-207)**." The Black Feminist Reader. Ed. Joy and T. Denean Sharpley-Whiting James. vols. Oxford: Blackwell, 2000.

CARDOSO, Cláudia Pons. História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

CALDWELL, K. L. 2010. **A Institucionalização de Estudos sobre a Mulher Negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil**. Revista da ABPN. V.1, n. 1 – mar-jun de 2010.

\_\_\_\_\_. **Mulheres negras, militância política e justiça social no Brasil**. Gênero: Núcleo Transdisciplinar de estudos de Gênero – NUTEG. – v. 9, n.1 (1. Sem. 2007). – . Niterói: EdUFF, 2000.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. In: **Revista Estudos Feministas**. IFCS/UFRJ & PPCCIS/UERJ. Rio de Janeiro, v. 3 n.2, p. 544-552,1995.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na escola: repensando nossa escola**. Belo horizonte: Selo Negro Edições, 2007.

CEPESC; SPM. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE. "A Black Feminist Statement (p. 261-270)." The Black Feminist Reader. Ed. Joy and T. Denean Sharpley-Whiting James. vols. Oxford: Blackwell, 2000.

CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o Encontro de Especialista em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero**. Estudos Feministas, 171. 1/2002.

CHRISTIAN, Barbara. "A Disputa de Teorias." Rev. Estud. Fem., Jan. 2002, vol.10, no.1, p.85-97.

CURRALERO, Cláudia R. B.; LICIO, Elaine C.; MORENO, Ana H. V. S.; PONTES, Anna C. R. **Desafios para a Gestão Intersectorial e Intergovernamental do Programa Bolsa Família para o Enfrentamento da Pobreza**, 2011.

CURIEL, Ochy (Identidades Esencialistas o Construcción de Identidades Politicas: El Dilema de Las Feministas Negras). **Otras Miradas**, vol. 2, núm. 2, diciembre, 2002, pp. 96-113. Universidad de los Andes Mérida, Venezuela.

DAVIS, Angela Y. (2004). "As mulheres negras na construcao de uma nova utopia (1)". Cadernos do CEAS. n. 210 – Marco/Abril 2004. (Disponível em:<http://www.geledes.org.br/atlantico-negro/afroamericanos/angeladavis/10243-as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopiaangela-davis>. Acesso em: 28/05/2012; Published on Tuesday, 12 July 2011 00:23)

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Luiz Antônio Machado Silva et alii. Brasília, ANPOCS, 1983. Ciências Hoje, 2.

\_\_\_\_\_. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino** n. 1. Batalha de Ideias. AfroLatinoAmérica, Brasil 2011. Disponível em:

[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/271077/mod\\_resource/content/1/Por%20um%20fe minismo%20Afro-latino-americano.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20fe minismo%20Afro-latino-americano.pdf) . Acesso em: 22/05/2016.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.317-333.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp.07-41.

HARDING, Sandra. "Rethinking Standpoint Epistemology: What Is 'Strong Objectivity'?". In: **The Feminist Standpoint Theory Reader: Intellectual and Political Controversies**. Edited by Sandra Harding. New York: Routledge, 2004.

HASENBALG, Carlos : **'Cor e Estratificação Social no Brasil'**, 1999, Rio de Janeiro, Contra Capa Editora.

HENRIQUES, R. **Desigualdade Racial no Brasil**: Evolução das Condições de Vida na Década de 90. Texto para Discussão nº 807, 2001.

Hooks, b. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, ano 03, n. 2 – Dossiê: Mulheres Negras. Florianópolis, p. 464-478, jun/dez 1995.

\_\_\_\_\_. Mulheres negras: moldando a teoria feminista (Black women: shaping feminist theory). **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça** / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma Favelada. 8ª.ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LEMOS, Rosalia de O. **Feminismo Negro em Construção**: a organização do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MCCLAURIN, Irma. (eds). **Black Feminist Anthropology: Theory, Politics, Praxis, and Poetics**. Edited by Irma McClaurin. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001.

MOYA, P; HAMES-GARCÍA, M. (Ed). **Reclaiming identity**: realist theory and the predicamento f postmodernism. Berkeley: University of California Press, 2000.

MOHANTY, Chandra T. **Feminism Without Borders**: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity. Durham: Duke University Press, 2003.

NAVARRO, Márcia Hoppe; SCHMIDT, Rita Terezinha. **A questão de gênero**: ideologia e exclusão. In: 2º Congresso sobre a Mulher, Gênero e Relações de Trabalho, 2007. Goiânia: Instituto Goiano do Trabalho, 2007. v. 1.

OLIVEIRA, I. A Construção Social e Histórica do Racismo e suas Repercussões na Educação Contemporânea. **Cadernos PENESB**, v. 9, p. 257-282, 2007.

PALMEIRA, Francineide S. Escritoras Negras e Representações de Insurgência. **Fazendo Gênero 9**. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.

PERRY, Keisha-Khan. Por uma Pedagogia Feminista Negra no Brasil: o Aprendizado das Mulheres Negras em Movimentos Comunitários. In: **Educação, Diferenças e Desigualdades**. Maria Lúcia Rodrigues e Lea Pinheiro Paixão (Orgs.). Cuiabá, MT: Edo-UFMT, 2006.

\_\_\_\_\_. **The Groundings with my Sisters: Toward a Black Diasporic Feminist Agenda in the Americas**. Issue 7.2: Spring 2009. Rewriting Dispersal: Africana Gender Studies. The Scholar and Feminist Online. Published by The Barnard Center for Research on Women. [www.barnard.edu/sfonline](http://www.barnard.edu/sfonline). Disponível em: [http://sfonline.barnard.edu/africana/print\\_perry.htm](http://sfonline.barnard.edu/africana/print_perry.htm) . Acesso em: 17/05/2015.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento/ Alex Ratts. – São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

SANT'ANNA, Wania. Desigualdades Étnico/Raciais e de Gênero no Brasil: as revelações possíveis do IDH e do IDG. In: **Índice de Desenvolvimento ajustado ao Gênero elaborado por assessores e colaboradores da FASE no âmbito do Projeto “Brasil 2000: Novos marcos para as relações raciais”**. Rio de Janeiro; setembro de 2000.

SANTOS, Eliane dos. **Desvendando a Família Negra**: Exclusão, Etnia e Identidade Social. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

SANTOS, S. B. As ONGs de mulheres negras no Brasil. **Sociedade e cultura**, Vol. 12, Núm. 2, julho-diciembre, 2009, pp. 275-288.

\_\_\_\_\_. Feminismo negro diaspórico. **Gênero**: Núcleo Transdisciplinar de estudos de Gênero – NUTEG. – v. 9, n.1 (1. Sem. 2007). – . Niterói: EdUFF.

\_\_\_\_\_. **Ação Política e Pensamento das Mulheres Negras nas Américas**: Uma perspectiva sobre a Diáspora Africana. **ESPAÇO E CULTURA (UERJ)**, v. 38, p. 65-84, 2015.

SARTI, Cynthia Andersen. O Feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória [Brazilian feminism since the seventies: revisiting a trajectory]. **Rev. Estud. Fem.**, May/Aug. 2004, vol.12, no.2, p.35-50.

SMITH, Barbara. **Home Girls**: A Black Feminist Anthology. New York: Kitchen Table Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **The Truth That Never Hurts**: Writings on Race, Gender, and Freedom. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.

SIRQUEIRA, Maria de Lourdes. **Intelectualidade negra e pesquisa científica**. Salvador: EDFBA, 2006.

TEIXEIRA, Moema De P. Revisitando as famílias negras no Brasil 1980-2000. In: **Educação, diferenças e desigualdades**/ organizadoras, Maria Lúcia Rodrigues Müller e Lea Pinheiro Paixão. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

TRUTH, Sojourner. AIN'T I A WOMAN ?. **GENERAL WOMEN & FEMINISM**. Delivered 1851 at the Women's Convention in Akron, Ohio, s/d. Disponível em: [HTTP://WWW.FEMINIST.COM/RESOURCES/ARTSPEECH/GENWOM/SOJOUR.HTM](http://www.feminist.com/resources/artspeech/genwom/sojour.htm) .  
Access in: 21/05/2016.

WERNECK, Jurema. **Políticas Públicas para as Mulheres Negras**. Passo a Passo : Defesa, monitoramento e avaliação de políticas públicas. CRIOLA e Fundação Heinrich Böll Stiftung, 2010.

WOLFF, Cristina Scheibe; POSSAS, Lidia M. Vianna. **Escrevendo a história no feminino**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 13, n. 3, Dec. 2005 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2005000300007&lng=en&nrm=io](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2005000300007&lng=en&nrm=io)>. access on 28 May 2012.

*Recebido em: 15 de maio de 2017.*

*Aprovado em: 10 de outubro de 2017.*